

“DA MENTIRA”, DE GABRIEL LIICEANU

André Assi Barreto¹
Universidade de São Paulo (USP)
 <https://orcid.org/0000-0001-6771-7880>

**LIICEANU, Gabriel. *Da mentira*. Tradução
Elpídio Fonseca. São Paulo: Vide Editorial,
2014, 91 páginas².**

O propósito do filósofo romeno Gabriel Liiceanu em seu “Da Mentira” é mostrar os textos da tradição ocidental que são fundacionais daquilo que ele chama de “moral de segunda instância”, moral que autoriza a mentira à luz de alguma finalidade triunfal superior, tão característica da política moderna e contemporânea. Liiceanu faz isso reportando o leitor às obras *Filoctetes* (Sófocles), *Hípias Menor* (Platão) e *Príncipe* (Maquiavel) e atrelando suas conclusões à política de sua terra natal, a Romênia.

PALAVRAS-CHAVE: Política; Mentira; Romênia.

A obra “Da Mentira”, do filósofo, ensaísta e cineasta romeno Gabriel Liiceanu (1942) – formado em filosofia pela Universidade de Bucareste e tradutor das obras de Platão e Aristóteles para a língua romena – introduzida ao leitor brasileiro pela editora Vide Editorial cumpre, antes de mais nada, um papel de divulgação, pois proporciona ao leitor brasileiro contato com um autor que é filho da riquíssima tradição filosófica da terra de Lucian Blaga (1895-1961), Constantin Noica (1909-1987), Emil Cioran (1911-

¹ É bacharel em Filosofia pela Universidade São Judas Tadeu (USJT), São Paulo – Brasil, mestrando em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo – Brasil com bolsa CAPES e professor das redes pública e particular de São Paulo. E-mail: andreassibarreto@protonmail.ch.

² Esta resenha fora publicada na edição anterior de “Griot”, porém é reenviada por dois motivos: a omissão do tradutor da obra – Elpídio Fonseca; a menção se faz necessária não apenas por uma questão de precisão, mas pelo mérito mesmo do tradutor em trazer mais uma obra da língua romena para nós, leitores lusófonos.

Também se faz necessária menção ao professor Olavo de Carvalho, primeiro a trazer o mundo filosófico e literário romeno ao Brasil, também por seu exímio trabalho na divulgação da cultura romena, foi condecorado pelo presidente da Romênia Emil Constantinescu e lhe foi oferecida a cidadania romena honorária pelo ministro das Relações Exteriores Andrei Pleshu.

1995), Nicolae Steinhardt (1912-1989) e Andrei Pleșu (1948), a Romênia; tradição ainda pouquíssimo explorada por estudiosos e mercado editorial brasileiros.

A obra é composta por um texto apresentado em uma conferência na Universidade de Timișoara em 15 de novembro de 2004 e no dia posterior na Universidade de Oradea. Por ocasião de eleições na Romênia, o propósito de Liiceanu é analisar desde um ponto de vista filosófico o papel da mentira na política local, para tal intento serviu-se das obras *Filoctetes* de Sófocles, *Hípias Menor* de Platão e *Príncipe* de Maquiavel³. Liiceanu nomeia seu tema como a “moral de segunda instância”, que é justamente o tipo de mentira praticada no terreno da política, não se trata apenas da falta com a verdade, mas da falta com a verdade intencional, justificada pelo bem futuro que será colhido graças à prática da mentira, trata-se, portanto, do estudo acerca da “construção de um programa moral político eficaz, fundado de maneira explícita na mentira” (LIICEANU, 2014, p. 7). Segundo o filósofo romeno, o texto de Sófocles é o primeiro da tradição ocidental a abordar a mentira desse ponto de vista, trata-se do “primeiro texto que teoriza (e justifica) o emprego com a virtuosidade de qualquer meio, dos recursos “do mal” em vista de atingir “o bem comum” (*idem*, p. 7); nesse caso a mentira estaria justificada pelo seu resultado positivo futuro.

O livro divide-se em quatro capítulos. Os três primeiros retratam as três obras citadas, consideradas elementares da política europeia pelo autor; no quarto capítulo Liiceanu aproxima a reflexão dos capítulos anteriores à realidade política romena. Antes disso, afirma que a mentira é essencial e puramente humana:

Propus a mim mesmo falar da mentira, o que significa, de algo puramente humano: apenas o homem pode mentir, porque apenas o homem tem parte num “algo” que pode exprimir e que, exprimindo, pode mover-se em duas direções totalmente opostas: a verdade e o falso intencional. Este “algo” é a língua (LIICEANU, 2014, p. 9).

Dessa maneira, o autor pretende buscar a raiz da justificação da mentira na política europeia. O primeiro caso sagrado pela tradição é o do pedido de Odisseu a Neoptólmo para que este resgate Filoctetes custe o que custar “empregando palavras”. Neoptólmo, filho de Ulisses, recusa-se em nome da honra e Odisseu tenta persuadi-lo servindo-se de dois argumentos: alega que a mentira atual é justificada pelo triunfo final (argumento de caráter pragmático) e também alega que ele, Odisseu, por ser mais experiente é mais sábio e garante que a ação mais coerente é a mentira, dado que já resolveu diversas situações empregando tal artil (argumento de

³ Nos *Addenda* do livro constam fragmentos das duas primeiras obras citadas.

caráter sapiencial). Estaria instaurada desde aí, segundo Liiceanu, uma nova época: “a época do resolver da diferença pela fraude, do repensar das relações humanas pelo reassentamento do político na mentira necessária” (LIICEANU, 2014, p. 18). O segundo texto heleno a tratar da mentira, 10 anos mais velho que o *Filoctetes*, é o *Hípias Menor* de Platão. No diálogo fica estabelecido que o mentiroso contumaz é sábio, aquele capaz de mentir habilmente é o mesmo que apresenta conhecimentos variados, para mentir bem é preciso ser sábio. Locam-se numa esfera superior os chamados “politrópicos”: “o pronunciador supremo da verdade é o que pode mentir de maneira ideal. O sincero e o mentiroso podem ser muito bem uma e a mesma pessoa” (*idem*, p. 28).

Antes de abordar a obra de Maquiavel, o filósofo romeno faz um pequeno *intermezzo* onde trata do conceito grego de “deinon”. *Deinon*, para um grego, não era o medo comum que se sente diante de uma fera animal, por exemplo, mas o temor que se sente diante do incompreendido, de algo que não pertence à ordem humana. Para Liiceanu, a mentira instalou-se na vida política quando o homem não sentiu *deinon* diante mentira explícita usada para fins políticos, os exemplos podem ser variados: a negação do holocausto ou a relativização dos crimes do comunismo. O autor afirma que “seria assombroso, *deinon*, que a alma que faz o mal voluntariamente seja melhor do que a que o faz involuntariamente” (LIICEANU, 2014, p. 33) e que a partir dessa ausência, relatadas por Sófocles e Platão representam “a consciência do fato de que a sociedade, numa dada “idade”, perdeu a virgindade moral” (*idem*, p. 34).

Em Maquiavel, a mentira como estratégia para a chegada e manutenção do poder está estabelecida. É característico do príncipe com *virtú* saber mentir habilmente para conquistar e manter o trono. A comunicação entre os textos helenos e o moderno Maquiavel é ideal, de acordo com Liiceanu; é feita com o intuito de “esboçar um percurso da consciência da fraude linguística e comportamental no perímetro da cultura da Europa” (LIICEANU, 2014, p. 40). Maquiavel garantiu à instância política o livramento de dois fardos que dirigiam a política desde os gregos: o ético-metafísico, do bem a ser realizado com base na *Ética Nicomaqueia* e o ético-teológico, atrelado ao bem transcendente que pairava sob a cidade medieval. Maquiavel livrou a política de Aristóteles e de Deus. O homem hipotético do *Hípias Menor* – o sábio que graças a sua sabedoria é capaz de praticar tanto o bem quanto o mal – torna-se real com Maquiavel: é do estadista virtuoso ser aquele que “recorre ao mal quando o bem deve ser salvo, defendido ou consolidado” (*idem*, p. 46). Sobre o que, então, teorizam as três obras elencadas por Liiceanu? A partir delas se “descobre, assim como eu disse, a moral de segunda instância como moral política, descobre essa coisa terrível e não-familiar (*deinon*) que, no mundo humano decaído, para reprimir um mal maior e para obter o bem (comum) é necessário ‘entrares em contato com o mal’” (*idem*, p. 43). Fica assim estabelecido de

maneira completa, segundo Liiceanu, o uso da mentira como ferramenta de defesa do “bem comum” ou do “bem maior”, fins nobres justificariam o uso da mentira como meio para atingi-los.

Isso posto, Liiceanu observa como a mentira ascendeu a política de Estado na Romênia. É válido lembrar que a Romênia foi satélite soviético e governada pelo ditador comunista Nicolae Ceaușescu de 1965 a 1989. Como também sagra a tradição literária, tendo por ícone o romance “1984” de George Orwell, a verdade é a primeira a ser sacrificada e manipulada em condições de guerra ou em estados totalitários que instalam uma polícia política⁴. Para o filósofo romeno, com o comunismo instalado na Romênia, a mentira atingiu uma condição coletiva. Lembra Soljenitzin em *O Arquipélago Gulag* onde o prisioneiro político afirma que o império soviético e o comunismo não foram possíveis senão pela mentira. Para Liiceanu, há três tipos de situações com aqueles que creem no comunismo: os que o fazem até que percebam o *erro*, como George Orwell, Alain de Besançon e outros, aqueles engajados no erro até o fim, mesmo quando viam seus pares assassinados e um terceiro tipo, os que sabiam que o comunismo era um grande embuste, mas permaneciam nele intencionalmente, este terceiro tipo é o mentiroso.

O comunismo na Romênia e alhures, segundo Liiceanu, eleva a mentira a um patamar nunca antes atingido, é “mentira dita às claras e sistematizada como ideologia. É a mentira constante, monótona e bem articulada” (LIICEANU, 2014, p. 56). Trotski afirmava que sua ética é aquilo que fortalece o partido, dado esse quadro, a mentira é sagrada à condição de método. Não é mais a mentira esporádica para colher alguns pares de votos de eleitores ingênuos, mas sim uma prática de governo instituída e estimada. É mentira com sede de verdade, a mentira “passa a ser (ou é) a verdade *pelo terror*” (*idem*, p. 57).

Dessa forma, o livro de Liiceanu analisa uma questão elementar da política como um todo e especialmente do século XX (que o particulariza). Com a ascensão de regimes totalitários por meios revolucionários – e que ocasionaram a morte de milhões, a mentira tornou-se um item indispensável para a dinâmica política. Propagandas descaradamente enganosas, como a nazista e a comunista, bem como a justificação dos respectivos morticínios causados por essas ideologias não seria possível sem a mentira ocupar o lugar elevado que ocupou.

⁴ Talvez a imagem mais conhecida disso seja a tortura a que Winston foi submetido por O’Brien para não apenas admitir que 2 mais 2 são 5, mas para *acreditar* nisso.